



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 22/12/2017

BRASIL	2
Precio de los novillos se mantuvo firme aunque con menos presión al alza	2
Cambios normativos incrementaron la seguridad de los productos brasileños	2
Ministro de Agricultura afirmó que la Operación Carne Fraca no perjudicó al sector.....	2
ABIEC: seguirán aumentando las exportaciones de carnes en 2018	3
Reabren frigoríficos en el estado de Mato Grosso	3
2017 fue calificado como histórico en el proceso de erradicación de la AFTOSA.....	4
Brasil podría tener 5 millones de cabezas en feed lots hacia 2020	5
Sello Agro+ Integridade publicaron las normas que lo regulan.....	5
URUGUAY	6
Cambió la tendencia en el mercado del ganado gordo: cotizan hasta US\$ 3 por kilo de carcasa	6
Para enero el novillo gordo podría alcanzar US\$ 3 a la carne, estimó Abelenda.....	6
Aumenta a US\$ 1.500 millones la exportación de carne bovina.....	7
La producción de carne vacuna cayó 3,8% en el último año	7
INAC estima una caída en la faena de vacunos para el próximo año	8
Corrales de engorde crecen en la faena vacuna.....	9
Los uruguayos consumieron más carnes en 2017	9
OPYPA prevé un aumento de 200 mil vacunos en el stock de 2018.....	9
INAC impulsa protocolos para diferenciar la carne	10
En Japón se reúne comité de expertos por auditoría cárnica en Uruguay	10
ACUERDO UE – MERCOSUR	11
MERCOSUR: se reúnen jefes de estado en Brasilia	11
Requisito precautorio para un acuerdo de comercio con el Mercosur Europeos contra intensificación ganadera en la Amazonia.....	11
Maggi defendió la integración de los sistemas sanitarios del MERCOSUR	12
PARAGUAY	12
Exportación de carne ingresos por US\$ 1.312 millones	12
Industria cárnica celebra 2017 como año histórico	13
Paraguay cerró buenas ventas a Rusia aprovechando suspensión de Brasil	13
Envío de carne a Chile, por US\$ 450 millones.....	14
Aumento de precio de cortes de carne es coyuntural, dice industrial cárnico	14
ARP insiste en crear ente que regule precio justo del ganado	14
ESTADOS UNIDOS	15
Estiman un aumento en el número de bovinos en feed lots al 1º de diciembre	15
Reducción en el Peso de faena afectó a la producción de carnes bovinas.....	15
Tendencias del consumo: aumenta el nivel per capita aunque menos que la oferta total	16
EMPRESARIAS	17
JBS proyecta incremento del 22 por ciento en sus exportaciones de carnes bovinas en 2018	17
Tyson Foods incrementa su apuesta a la producción de carne en base a proteína vegetal.....	17
Cadena Wendy's contra el uso de antibióticos.....	17
Masterboi y Grupo Adir lanzaron programa de calidad de carne bovina Nelore	18
Marfrig busca participación de pequeños ahorristas	18
Se destrabó el conflicto en el Frigorífico Solís	19
Moody's modificó calificación de la empresa Marfrig	19



BRASIL

Precio de los novillos se mantuvo firme aunque con menos presión al alza

Sexta-feira, 22 de dezembro de 2017 - Mercado do boi gordo sustentado, mas com menor pressão altista, se comparado ao observado nas últimas semanas.

Em São Paulo, a referência para o boi gordo ficou em R\$146,50/@, à vista, livre de Funrural, na última quinta-feira (21/12).

A maior parte dos frigoríficos já encerrou as compras para 2017 e trabalha a originação de gado para a primeira semana de janeiro.

De qualquer modo, as empresas não demonstram o mesmo “apetite” das últimas semanas para as compras neste momento, reflexo de uma situação mais incerta quanto ao escoamento da carne bovina no mercado atacadista em curto prazo.

Boa parcela dos produtores também já opta por reduzir as vendas, o que deverá contribuir com uma redução da movimentação de mercado na última semana do ano.

No norte de Minas Gerais, as férias coletivas da maior unidade de abate da região reduzem a pressão compradora de gado, fato que deve se estender até o fim de janeiro.

A carcaça de bovinos castrados está cotada em R\$9,98/kg no atacado, alta de 5,4% em trinta dias.

Cambios normativos incrementaron la seguridad de los productos brasileños

Fonte: Mapa, adaptada pela Equipe BeefPoint. 21/12/17 - Decreto do novo Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (RIISPOA) foi assinado em março pelo presidente Michel Temer em cerimônia no Palácio do Planalto. O antigo RIISPOA, que vigorava até então, com 952 artigos, havia sido decretado pelo presidente Getúlio Vargas em 1952.

A revisão do RIISPOA contempla a implantação de novas tecnologias, padronização de procedimentos técnicos e administrativos, maior harmonização com a legislação internacional, interação com outros órgãos públicos de fiscalização, ordenação didática das normas para facilitar a consulta e orientação e atualização de terminologias ortográfica e técnica. Foi compatibilizado com legislações, como o Código de Defesa do Consumidor e com o decreto que institui o Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (SUASA).

O secretário-executivo chamou a atenção para outra inovação, que incluiu especificidades e exigências próprias das pequenas agroindústrias. Blairo Maggi acrescentou que doenças que afetavam os animais, como zoonoses, no antigo RIISPOA, não estão mais presentes. Esse tipo de preocupação foi substituída por cuidados com patógenos, como a salmonella, que é um problema atual.

A atualização do RIISPOA faz parte das ações do Plano Agro+, lançado no ano passado por Blairo Maggi para simplificar e modernizar o agronegócio. O novo regulamento também deixa bem clara a responsabilidade das empresas e do Estado na fiscalização sanitária dos produtos de origem animal.

As novas normas englobam todos os tipos de carnes (bovinas, aves, suínos e conservas), leite, pescado, ovos e mel.

Ministro de Agricultura afirmó que la Operación Carne Fraca no perjudicó al sector

20/12/17 - por Equipe BeefPoint O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, disse nesta terça-feira, 19, em Brasília, que a Operação Carne Fraca, deflagrada em março de 2017, não gerou prejuízos para o setor já que as exportações devem crescer neste ano.

“Crises muitas vezes são positivas. Não podemos nem apontar prejuízos com Carne Fraca porque vamos terminar o ano com volumes maiores de exportação. Foi um grande susto, mas nos deu muitos alertas.”

Segundo Maggi, a Operação Carne Fraca levou o Ministério a revisar procedimentos internos. A “grande desconfiança dos importadores” estava no serviço de fiscalização do País, disse. “Muitos deles achavam que havia interferência política nesse processo, então criamos um novo sistema blindando tudo isso.”

Maggi voltou a afirmar que o bloqueio dos Estados Unidos à carne bovina in natura brasileira, anunciado em junho, não teve relação com a Operação Carne Fraca. “As plantas frigoríficas não tomaram os cuidados necessários para um mercado tão exigente quanto aquele.”

Uma das alegações dos norte-americanos foi a presença de abscessos nos cortes enviados ao país. “Minha esperança era de que voltássemos (a exportar para os EUA) ainda em dezembro, mas não foi possível”, disse. O ministro diz acreditar que a retomada aconteça nos primeiros meses de 2018. “Tivemos problema com etanol deles para cá e isso deixou os norte-americanos pouco satisfeitos; certamente atrapalhou um pouco.”

Em relação ao bloqueio anunciado pela Rússia no fim de novembro às carnes brasileiras, o ministro disse que as negociações estão em curso e que o mercado deve ser retomado em janeiro ou fevereiro.

Fonte: Estadão, adaptada pela Equipe BeefPoint.



ABIEC: seguirán aumentando las exportaciones de carnes en 2018

19 de dezembro de 2017 - Na expectativa de fechar 2017 com aumento de 13% em receita, Abiec projeta mais um ano positivo para embarques de carne in natura do Brasil

Depois de um ano atribulado, as exportações brasileiras de carne bovina in natura devem fechar 2017 em alta. De acordo com o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), Antônio Jorge Camardelli, o setor mostrou a sua força ao conseguir reverter todas as adversidades. “Apesar das broncas, conseguimos sair por cima”, destacou o executivo.

Entre os fatores elencados por ele estão as operações Carne Fraca e Carne Fria, a volta da cobrança do Funrral, a deleção dos executivos da JBS, a suspensão das exportações de carne in natura aos Estados Unidos e a recente paralisação das compras da Rússia.

A situação mais crítica foi causada pela Carne Fraca. Quando a operação foi deflagrada, em 17 de março, houve a suspensão de compras de países que respondiam por 59,7% das exportações brasileiras de carne bovina. Isso fez com que os embarques de abril caíssem 25% em receita e 26% em volume. Atualmente, apenas três países permanecem fechados. Juntos, eles respondem por 0,09% das exportações.

“É difícil dizer que as exportações só cresceram em virtude dessa operação, mas sem dúvidas isso nos obrigou a fazer revisões e otimizar os processos. Conseguimos fazer uma limonada com esses limões”, avaliou.

Entre os pontos positivos durante o turbilhão, Camardelli destaca a atuação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) junto aos países compradores prestando os devidos esclarecimentos e reforçando a confiabilidade do sistema de inspeção brasileiro.

“Os embargos também caíram rapidamente para equilibrar os preços no mercado externo, já que quando o Brasil estava fora do jogo os demais exportadores elevaram o preço. Prova disso é que já em maio tivemos alta de 27% em volume e 28% em faturamento dos embarques”.

A expectativa da Abiec é o Brasil exporte 1,5 milhão de toneladas de carne bovina por US\$ 6,2 bilhões até o fim de 2017. Se confirmada a projeção, o desempenho será 9% maior em volume e 13% em receita do que obtido no ano passado.

Para 2018, a previsão é de crescimento de 9,8% em volume e 10,5% em receita. É esperado que Brasil fature US\$ 6,9 bilhões com a venda de 1,6 milhão de toneladas de carne bovina in natura ao exterior. Caso a estimativa se confirme, será a maior quantidade de carne embarcada desde as 1,62 milhão de toneladas de 2007. Também será a maior receita desde os US\$ 7,2 bilhões de 2014.

As projeções são sustentadas pelo possível aumento das exportações para China, além da abertura e reabertura de mercados como Filipinas, Indonésia, Coreia do Sul e Tailândia.

Reabren frigoríficos en el estado de Mato Grosso

19/12/17 - por Equipe BeefPoint Empurrados pela oportunidade aberta com a crise que atingiu a JBS e pelo ambiente setorial mais favorável, com maior oferta de gado bovino e rápida recuperação da demanda no Brasil e no exterior, os frigoríficos de Mato Grosso deflagraram um forte movimento de reabertura de unidades que, em pouco mais de um semestre, poderá ampliar a capacidade de abate no Estado em 25%.

O movimento, viabilizado por um programa de incentivos fiscais do governo estadual, animou os pecuaristas de Mato Grosso, que há anos se ressentiam do domínio da JBS. No auge, a companhia chegou a ter mais de 50% da capacidade de abates do Estado, que lidera a produção de carne bovina no país.

Na indústria, porém, não é consenso que essa expansão da capacidade seja positiva. Embora alguns empresários se entusiasmem com a chance de voltar a investir depois de anos de dificuldades, há também quem julgue a reação do mercado algo prematura. O temor é que a ociosidade do segmento, que gira em torno de 60% em tempos normais, fique ainda maior.

De fato, após ter reduzido drasticamente os abates no Brasil, a JBS vem normalizando as operações. Há duas semanas, o executivo-chefe da empresa, Gilberto Tomazoni, disse que o ritmo já está “próximo” do normal. Segundo fontes, os abates diários da companhia estariam oscilando entre 27 mil e 28 mil cabeças no Brasil, abaixo do nível de 30 mil do período anterior à Operação Carne Fraca, deflagrada pela Polícia Federal em 17 de março.

Mas a JBS ainda não está livre de riscos. Segundo a diretora da consultoria Agrifatto, Lygia Pimentel, o acordo feito pela empresa com os bancos no Brasil para rolar dívidas de curto prazo é hoje o principal risco – o acordo vencerá em julho.

Outra dúvida que paira no segmento envolve os contratemplos da delação dos Batista. Quando Joesley e seu irmão Wesley foram presos, em setembro, o processo de retomada dos abates no país foi interrompido por algumas semanas.



Embora a JBS possa ter estimulado o movimento em Mato Grosso, a diretora da Agrifatto argumenta que, mesmo com a líder de mercado voltando aos eixos, as condições de oferta e demanda são amplamente favoráveis, o que sustenta as decisões de reabertura de unidades. O indicador de margem bruta (que mede a relação entre o preço da carcaça e o boi gordo) está em 3,2% em 2017, ante a média histórica de 5,5% negativos, conforme a Agrifatto.

A aposta dos frigoríficos é que, com a recuperação do mercado interno e o bom momento das exportações – que caminham para um novo um recorde em 2018 -, não vai sobrar carne no mercado, mesmo com o aumento da produção.

“Neste momento, o mercado está bastante favorável para a gente, com preços interessantes”, afirmou o empresário Luiz Antônio Martins, que preside o Sindicato das Indústrias de Frigoríficos do Estado de Mato Grosso (Sindifrig). À frente do frigorífico Pantanal, Martins reabriu na última semana uma unidade em Várzea Grande, no centro-sul do Estado. De médio porte, o frigorífico do Pantanal pode abater 750 cabeças por dia.

Além do Pantanal, outros frigoríficos fiscalizados pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF) retomaram as atividades em Mato Grosso neste ano. No segundo semestre, a Marfrig retomou duas plantas, em Nova Xavantina e Paranatinga, e a Minerva reabriu um abatedouro, em Mirassol D’Oeste. A eles se soma o Redentor, que neste ano adquiriu uma unidade em operação em Barra do Bruges e dobrou sua capacidade diária, passando para 400 cabeças de gado.

A onda de reabertura de unidades não para por aí. Empresas do segmento estão negociando o arrendamento de alguns frigoríficos que até este ano estavam arrendados para a JBS, mas fechados. São unidades que amplificam as críticas dos pecuaristas, para quem a empresa dos Batista arrendava frigoríficos para mantê-los fechados e monopolizar o mercado.

Entre essas unidades estão as de Nova Monte Verde, Pontes e Lacerda e Juruena. Procurada, a JBS informou que não tem mais unidades arrendadas no Estado. Hoje, a empresa tem 15 plantas próprias – 11 funcionando.

Neste ano, a Marfrig arrendou o frigorífico de Pontes e Lacerda, que pertence ao grupo Arantes, em recuperação judicial. A unidade ainda não foi reaberta, mas a empresa poderá fazê-lo no próximo ano, a depender das condições de mercado. A Marfrig também chegou a negociar a planta de Nova Monte Verde, mas a transação não prosperou.

O Frigol, quarto principal frigorífico do país, estaria negociando o arrendamento da planta de Juruena, da família Durlí. Procurado, o Frigol não comentou.

Em Mato Grosso, também há grande expectativa sobre o frigorífico do Mataboi em Rondonópolis. De acordo com duas fontes, o paulista Frigoestrela negocia o arrendamento da planta, que também poderá ser reaberta em 2018.

Se todos esses frigoríficos forem mesmo reabertos, a capacidade de abate – considerando só as unidades com SIF – em Mato Grosso crescerá 25%, para 23,3 mil cabeças para 29,2 mil cabeças.

Na avaliação do secretário de Desenvolvimento Econômico do Estado, Carlos Avalone Junior, a ação do governo foi fundamental para a retomada do setor. De acordo com ele, após um período de “monopólio grande”, vários frigoríficos ficaram com linhas de produção defasadas e, portanto, necessitavam de investimento na modernização do parque de máquinas para reabrir as plantas.

Para isso, o governo lançou mão do Programa de Desenvolvimento Industrial e Comercial de Mato Grosso (Prodeic), por meio do qual as empresas terão até 10 anos para pagar parte do ICMS que deverão. “Tem que ter incentivo fiscal do governo. Sem isso, ninguém reabriria”, afirmou Martins, presidente do Sindifrig e dono do Pantanal.

2017 fue calificado como histórico en el proceso de erradicación de la AFTOSA

Fonte: Mapa. 19/12/17 - No início deste mês, quando ocorreu o reconhecimento de novas zonas livres da febre aftosa com vacinação no Amapá, Roraima, em grande parte do Amazonas e em áreas de proteção no Pará finalizou-se nacionalmente o processo de erradicação da doença no Brasil. Em abril deste ano, completaram-se 11 anos sem registro de ocorrência de aftosa no país.

No último dia 5, o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Blairo Maggi, em cerimônia no Amapá, declarou tratar-se do “coroamento de 60 anos de trabalho para o Brasil ser livre de aftosa com vacinação”.

“A partir desse reconhecimento, o Brasil passa a ter um mercado maior e teremos nossos produtos mais valorizados internacionalmente. Hoje vendemos carne para mais de 150 países mundo afora. Queremos ampliar a oferta em mercados mais competitivos, que pagam melhor, que trarão mais renda para o produtor brasileiro”.

No Pará o reconhecimento do novo status sanitário foi feito durante a abertura do V Encontro Nacional de Defesa de Sanidade Animal (Endesa) promovido pelo Departamento de Saúde Animal da Secretaria de Defesa Agropecuária do Mapa.



Simultaneamente ao avanço do Plano em 2017, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) publicou o Plano Estratégico do PNEFA 2017-2026, com o objetivo de criar e manter condições sustentáveis para garantir o status de país livre da febre aftosa (com vacinação) e ampliar as zonas livres da doença (sem vacinação).

Segundo o diretor do DSA, Guilherme Marques, “foram superadas todas as expectativas de adesão dos governos e da iniciativa privada, pois todos se conscientizaram que os prazos para a execução das etapas do PNEFA são curtos”.

Ainda em 2017, a zona livre sem vacinação, representada pelo estado de Santa Catarina, manteve seu status sanitário. Foi desenvolvida e implementada uma nova metodologia de vigilância clínico-epidemiológica para zonas com essa condição sanitária. Após validação da metodologia haverá garantia adicional para comprovação da ausência de infecção em áreas sem vacinação.

A chefe da Divisão de Febre Aftosa, Eliana Lara, disse que “o Plano Nacional de Erradicação da Febre Aftosa encerra o ano de 2017 com uma avaliação extremamente satisfatória no que se refere ao cumprimento de suas metas.”

O ano de 2018 se inicia com a expectativa do reconhecimento internacional pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), prevista para o mês de maio, das últimas áreas declaradas livres, consolidando o processo de reconhecimento do Brasil pela entidade como país livre de febre aftosa.

Brasil podría tener 5 millones de cabezas en feed lots hacia 2020

Fonte: Portal DBO 20 de dezembro de 2017 - De acordo com Marcus Baruselli, da DSM, atividade deve retomar ritmo de crescimento de 6% a 8% nos próximos dois anos

Depois de uma dura queda em 2016, o confinamento deve retomar seu ritmo de crescimento habitual nos próximos anos. Para o gerente de confinamento da DSM, Marcus Baruselli, a expectativa é que o País tenha 5 milhões de cabeças confinadas em 2020.

“O cenário voltou a ser favorável e atividade de manter uma média de 6 a 8% de crescimento nos dois próximos anos”, destacou. “Esse ritmo se manteve por nove anos e só foi quebrado no ano passado devido a alta nos preços dos insumos”, acrescentou.

Os principais fatores de incentivo devem ser o preço do milho, que deve recuar no próximo ano com a expectativa de aumento da produção do grão; e a retomada da arroba no mercado futuro da Brasil Bolsa, Balcão (B3), antiga BM&F Bovespa.

Outro aspecto preponderante é a necessidade de intensificar a produção em áreas menores. “A agricultura fez essa tarefa de dar um salto de qualidade com novas tecnologias e a pecuária ainda tem muito a melhorar nesse sentido”, analisou.

Apesar da previsão positiva, 2018 também deve ser um ano de riscos. O principal deles é o fato de se tratar de um ano de eleição presidencial, o que pode gerar uma grande instabilidade em diversos setores da economia. “O mercado futuro será fundamental para que o produtor garanta sua margem e fuja de qualquer risco no mercado físico”, disse Baruselli.

Em relação a 2017, a expectativa de Baruselli é que o confinamento no Brasil tenha 4,2 milhões de cabeças. Caso a projeção se confirme, a atividade crescerá 13,5% em relação as 3,7 milhões de cabeças confinadas em 2016. “O setor oscilou muito ao longo do ano, mas, na entrada do segundo semestre, a atividade voltou a ser atrativa e devemos fechar o ano com crescimento expressivo”, concluiu.

Sello Agro+ Integridade publicaron las normas que lo regulan

Fonte: Mapa. 22/12/17 - por Equipe BeefPoint O Diário Oficial da União publicou na última terça-feira (19) a portaria 2.462 assinada pelo ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Blairo Maggi, que instituiu as regras para premiar com o Selo Agro+ Integridade as empresas do agronegócio que desenvolvam boas práticas de gestão de integridade, ética e sustentabilidade.

A empresa poderá utilizá-lo em seus produtos, em campanhas publicitárias, nos meios de comunicação e essa identificação será amplamente divulgada no site do Mapa e nas ocasiões em que se dê destaque à premiação. O selo terá validade anual.

Em 60 dias, um ato administrativo do secretário-executivo do Mapa, Eumar Novakci, instituirá o Comitê Gestor do Selo, com definições de estrutura, atribuições e funcionamento, a ser composto, majoritariamente, por representantes de órgãos e entidades não governamentais.

Já são integrantes do comitê o Ministério da Transparência, a Confederação Nacional da Indústria e Agropecuária (CNA), a Embrapa, o Instituto Ethos e a Associação Brasileira de Empresas Limpas. Estão em andamento tratativas para a participação da Confederação Nacional da Indústria (CNI), da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), e da B3 (Brasil, Bolsa, Balcão – Bolsas de Valores).

As inscrições serão abertas a partir de 1º de fevereiro de 2018, encerrando-se em 31 de maio. O resultado do Comitê Gestor será homologado até o final de setembro e a premiação ocorrerá no Dia do Agricultor, 17 de Outubro.



O ato oficial do Ministério da Agricultura também discrimina os requisitos que a empresa precisa cumprir para habilitar-se à premiação, em termos de legislação trabalhista, de sustentabilidade e de ações anticorrupção.

A empresa deverá criar um programa de Compliance – que inclua Código de Ética ou de Conduta –, aprovado pela sua diretoria ou pelo conselho administrativo, e divulgá-lo interna e externamente. Empregados e dirigentes deverão fazer cursos e treinamentos sobre os temas relacionados ao programa e ao código.

É preciso criar também um canal de denúncia efetivo, com discriminação detalhada de seu site na internet, da forma operacional de funcionamento e dados de desempenho, tais como quantidade de denúncias registradas, analisadas, investigadas e tratadas para que se comprove sua efetividade.

Entre os requisitos de compromisso ético, a empresa precisa comprovar que é signatária do Pacto Empresarial pela Integridade e Contra a Corrupção, promovido pelo Instituto Ethos.

Se considerada apta a ter o “Selo Agro+ Integridade”, a empresa também assinará o Pacto pela Ética, Integridade e Sustentabilidade, declarando publicamente sua disposição para atuar e contribuir para um ambiente concorrencial mais íntegro no setor privado e em suas relações com o setor público.

As informações e os documentos apresentados pelas empresas para obter o Selo, assim como os relatórios do Comitê Gestor, não serão divulgadas ou fornecidos a terceiros.

URUGUAY

Cambió la tendencia en el mercado del ganado gordo: cotizan hasta US\$ 3 por kilo de carcasa

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador. Diciembre 22, 2017 La faena vacuna semanal con 58.493 cabezas fue la segunda mayor en últimos siete años

Superado el conflicto sindical y llegada la lluvia, el mercado del ganado gordo cambió el rumbo. Con una demanda sostenida – que se reflejó en la faena de la semana pasada– y una oferta que no abunda, se están concretando negocios por hasta US\$ 3 por kilo carcasa por los novillos especiales de punta.

El ánimo de los productores cambió con un mejor panorama climático, que les ha dado un poco más de margen para negociar. La industria está más activa, acortando las entradas, que rondan los 10 días. Si bien la industria no urge de ganado, se puede negociar algún centavo por ganados buenos, coincidieron operadores consultados. Por otro lado, tras un diciembre que a pesar de las interrupciones tuvo una faena muy elevada, la oferta va en baja.

Los negocios por vacas pesadas logran US\$ 2,75 como valor máximo. La demanda de vaquillonas para abasto está firme.

"Esta semana la faena cerraría por arriba de las 50.000 cabezas y bajaría para la próxima. No hay tantos ganados preparados como mantener una faena tan alta", estimó un consignatario.

Esperan US\$ 3 en enero

Para enero, cuando la oferta de ganado gordo suele ser menor, se espera que los negocios se puedan mantener en torno o algo por encima de US\$ 3.

Para los invernadores hay un respiro en cuanto a la relación de reposición. En el último remate del año de Pantalla Uruguay los terneros entre 140 y 180 kilos hicieron US\$ 2,03 de promedio; los de más de 180 kilos US\$ 1,99 de promedio y toda la categoría terneros promediaron US\$ 2,01 –casi sin cambios respecto al remate de noviembre– con buen ritmo de colocación y alguna compra puntual de la exportación en pie. La vaca de invernada promedió US\$ 1,18. En la reposición podría decirse que continúa un mercado climático, a la espera de las inminentes lluvias, pero con más tendencia a aliviar carga de los campos. Una tendencia a bajar carga que se ha notado también en la faena.

La faena de la semana pasada fue por segunda vez consecutiva la mayor de los últimos siete años, con 58.493 cabezas y fue la mayor desde diciembre de 2010 cuando se faenaron 59.538. Fue 3,4% superior que las 56.556 de la semana anterior y un 12,4% por encima de la del mismo período del año anterior.

Para este fin de semana se esperan nuevas lluvias que podrán dar sostén a esta recuperación de valores. Mientras el precio del ganado mejora, el de exportación de la carne vacuna prolonga una lógica de firmeza. A la semana cerrada el 16 de diciembre la tonelada se ubicó en US\$ 3.650, quinta semana al hilo arriba de US\$ 3.500.

En lo que va del año el precio de exportación promedia los US\$ 3.444 la tonelada, 1,4% más que el mismo período de 2016 y el volumen exportado es 423.350 toneladas, un 3,4% superior a las 409.367 toneladas del mismo período del año anterior.

Para enero el novillo gordo podría alcanzar US\$ 3 a la carne, estimó Abelenda

18/12/2017 - Aseguró que sería un “precio justo”.

Las lluvias del último fin de semana y la normalidad de las operaciones en la industria frigorífica está generando una estabilidad de precios en las haciendas gordas, que permite a los productores encarar las



próximas semanas con expectativas favorables para que se genere un aumento de valores en las categorías.

Walter Hugo Abelenda se mostró optimista para que en enero se pueda “alcanzar los US\$ 3 por novillos” en cuarta balanza. El consignatario de ganado de Florida dijo a Rurales El País que si la industria “sigue faenado con la misma intensidad y ganas”, seguramente “se trabaje con un mercado sin grandes variables pero con la sensación de que US\$ 3 por novillo es un precio justo”.

Abelenda explicó que si los trabajadores de la industria no hubieran parado la faena por el conflicto con Frigorífico Solís y el clima hubiese sido menos rigurosos, los novillos “no habrían bajado de US\$ 3” porque el mercado “realmente estaba firme”, estimó.

En cuanto a valores, esta noche se reúne la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG), pero el rematador señaló que los mejores novillos cotizan entre US\$ 2,85 y US\$ 2,90 en cuarta balanza, las vacas US\$ 2,65 y US\$ 2,70 y las vaquillonas US\$ 2,85.

Aumenta a US\$ 1.500 millones la exportación de carne bovina

Diciembre 20, 2017 Es el mayor ingreso desde 2013, a un precio por tonelada de US\$ 3.440

Las exportaciones de carne de este año alcanzarán la mayor cifra en cinco años. Por un lado, la venta total de carnes alcanzará los US\$ 1.820 millones, pero además los negocios de carne bovina redondearán los US\$ 1.500 millones, informaron este martes las autoridades del Instituto Nacional de Carnes (INAC).

En la tradicional reunión de fin de año, el presidente de INAC, Federico Stanham, el gerente de Información, Jorge Acosta, y el gerente de Control de Calidad, Ricardo Robaina, destacaron la gestión cumplida por el sector cárnico: la faena, la exportación, estrategias para mejorar los agronegocios y el uso de nuevas herramientas para interpretar mejor la información que divulga el instituto.

Comercialmente se observó que, tanto en la exportación como en el mercado interno no se encontraron limitaciones para colocar la producción y eso genera fluidez al negocio ganadero, comentó Stanham a El Observador.

Consideró que las exportaciones totales del sector crecerán alrededor de 4% en 2017 y China será el principal comprador, con una tendencia a seguir creciendo.

El jerarca también resaltó que los precios de la carne bovina exportada, que bajaron a fines de 2015 y continuaron haciéndolo hasta mayo de 2016, comenzaron unos meses atrás una recuperación, que se observa en China principalmente, especialmente por algunos cortes nuevos que le está comprando a Uruguay.

La carne bovina, que representa el principal producto de exportación del sector y del país, registró la mayor cifra de la serie iniciada en 2013 en términos de volumen y de ingresos. Se estima que la colocación alcanzará las 438 mil toneladas peso canal.

El ingreso medio por exportaciones se ubicará en US\$ 3.440 la tonelada, lo que supone un leve incremento de 1,2% comparado con el promedio de 2016. En lo que respecta a la carne ovina, se estima que crecerá 27%, alcanzando a unas 14 mil toneladas.

El valor promedio de las exportaciones de carne ovina presenta un leve crecimiento, cerrando el 2017 en unos US\$ 4.250 la tonelada peso canal. Esta cifra demuestra que se mantiene la brecha de 24% por encima de la carne bovina.

La faena de bovinos se estima que llegará a unas 2,313 millones de cabezas, 2% superior a 2016 y la cifra más alta desde 2013.

En ovinos se estima que la faena será similar a 2016, de aproximadamente 840 mil cabezas, 1% menos que 2016 y la mitad de la faena registrada hace cinco años.

Más consumo

El total de carnes consumidas en Uruguay totaliza 101,8 kilos por persona y por año, lo que significa un aumento de 2,7 kilos con relación al año pasado, informó este martes el Instituto Nacional de Carnes (INAC). El consumo de carne bovina per cápita registrará un nuevo pico estimado en 59,4 kilos, lo que representa un incremento de 1,6 kilos con relación a 2016. Es la cifra más alta de la serie que se inició en 2013 y resulta similar al consumo de ese año.

La producción de carne vacuna cayó 3,8% en el último año

Diciembre 15, 2017 Mayor faena y exportación de ganado en pie fueron las causas

Varias causas tuvo la caída de producción de carne vacuna en el último ejercicio ganadero

El ejercicio ganadero 2016/2017 registró alta extracción y por lo tanto caída del stock vacuno

La producción uruguaya de carne vacuna del último ejercicio ganadero 2016/2017 cayó 3,8%, respecto al año anterior, por una elevada tasa de extracción, tanto por la mayor faena como por un incremento en las exportaciones en pie, lo que contrastó con una producción de terneros menor a la esperada, según la Oficina de Programación y Política Agropecuaria (Opypa).

"La faena creció 11,8% en número de animales y 13,9% en kilogramos de peso vivo, resultado de un mayor peso medio de faena", según el artículo Comportamiento del sector carne vacuna, de José



Bervejillo, que aparecerá la semana próxima en el Anuario 2017 de esa repartición del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), al que accedió El Observador.

Además, la exportación de ganado en pie "creció 7,2%, lo que llevó a una tasa de extracción general de 25%. Con tal extracción y una producción de terneros de solo 2,7 millones, los inventarios cayeron 3%, cortando una racha de cinco años seguidos de resultados positivos. En número de animales, la caída del stock vacuno fue de casi 360 mil cabezas".

Según el artículo de Bervejillo, al cierre de 2017 "se espera que la faena se ubique en torno a 2,3 millones de cabezas, algo por debajo de la faena del ejercicio cerrado al 30 de junio (pasado). Pero las exportaciones en pie han continuado su tendencia al crecimiento y a setiembre 2017 estaban apenas por debajo de las 300 mil cabezas, un nivel nunca alcanzado antes".

Si se compara el período octubre-setiembre de los últimos dos años, "las exportaciones en pie crecieron 40%. La mayor parte siguen siendo machos de menos de 2 años y casi la totalidad va hacia Turquía, pero en este período también aumentó significativamente la exportación de vaquillonas, llegando a 43.400 animales al 30 de setiembre, siete veces más que en igual período de 2015/2016".

El ganado para faena

Más adelante el artículo aborda la oferta y demanda de ganado para faena, al señalar que "la faena de vacunos en períodos de 12 meses muestra una tendencia creciente desde el otoño de 2014, con un máximo logrado precisamente al cierre del último ejercicio ganadero, en junio de 2017, con más de 2,4 millones de cabezas".

Agrega que "en los últimos meses el ritmo ha bajado un poco, posiblemente porque el sistema está en el máximo de posibilidades de respuesta de corto plazo. Para mantener el crecimiento observado desde 2014 se requeriría una mejor performance del rodeo de cría o un enlentecimiento de las exportaciones en pie".

Por otra parte, el artículo de Opya informa que durante el ejercicio ganadero 2016/2017 "la faena de vacas y vaquillonas fue superior a la faena de novillos en un 3,5%, aunque esa diferencia se ha acortado a 1,9% en el período enero-octubre del 2017".

Además, "dentro de la faena de novillos, la proporción de animales de dentición incompleta fue 67% durante 2016/2017, y se ha mantenido sin cambios en el período enero-octubre de este año. Esa proporción está un punto por debajo del promedio de los últimos 10 años".

Se faenarán 2,3 millones de bovinos con mayor peso en todas las categorías

21/12/2017 - Sector cárnico va a facturar US\$ 1.820 millones, según prevé INAC.

La faena de bovinos cerrará el año en 2.313.000 millones de vacunos frente a los 2.267.000 cabezas y será la mayor que se haya registrado desde 2009, según confirmó el Instituto Nacional de Carnes (INAC). El aumento entre 2016 y el año en curso es de 2% y crece por cuarto año consecutivo, lo que marca el esfuerzo de la ganadería por mantener una alta extracción.

A nivel de la faena de bovinos, la de novillos creció 4% respecto al año anterior y superó 1,13 millones de cabezas, pero lo más importante es que la faena de vientres será similar a la de 2016. Se matarán menos vacas este año y hay un crecimiento de las vaquillonas, producto del auge que tiene la cuota 481, el contingente para carne bovina de alta calidad, con destino a la Unión Europea, para animales terminados a granos durante los últimos 100 días previos a la faena.

Vuelve a reafirmarse la tendencia de faenar animales más pesados que en 2016 y la faena de novillos por edad se mantiene estable, según los datos del INAC.

Exportación. Las exportaciones del sector cárnico, incluyendo también subproductos y menudencias, cerrará 2017 por encima del promedio de los últimos cuatro años y será de US\$ 1.820 millones. A su vez, las exportaciones de carne bovina lograrán un ingreso superior a US\$ 1.500 millones y es el valor más alto de los últimos cuatro años (en 2016 se facturaron US\$ 1.478 millones).

Medido en peso canal, la proyección del INAC determina que el volumen de carne bovina exportado este año se mantendrá muy similar al de 2016 y estará rondando las 438.000 toneladas. También se mantendrá estable el precio promedio por tonelada en valores cercanos a US\$ 3.440 (peso canal), valor que marca un aumento de 1,2% frente al año anterior.

En carne ovina, el volumen exportado crecerá 27% y llegará a 14.000 toneladas peso canal y el precio promedio cerrará a US\$ 4.250 por tonelada peso canal, manteniendo una brecha de 24% por arriba de la carne bovina, según lo marca el análisis del Instituto Nacional de Carnes.

INAC estima una caída en la faena de vacunos para el próximo año

19/12/2017 - De acuerdo a la caída del stock vacuno, comentó Jorge Acosta, gerente de Información de INAC.

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) estima para el próximo año una "caída de la faena de vacunos", dado por una "disminución del stock del rodeo", adelantó a Rurales El País Jorge Acosta, gerente de



Información de INAC. "No tenemos cifras pero seguramente pueda estimarse en un siete o nueve por ciento", añadió.

Sumado a estos datos, Acosta presentó los números finales de la faena de vacunos para este año, proyectados en 2.313.000 de cabezas, un 2% más en comparación al año pasado que culminó con 2.267.000 animales procesados.

Este resultado significa el "cuarto año consecutivo con una faena en aumento y el más alto desde 2009", dijo.

INAC estimó la estructura de la faena en un 49% compuesta por novillos y 49% por hembras. En esta última categoría, las vacas representan un 37% (una caída de 2% comparada con el año pasado) y las vaquillonas un 12% (un incremento de 1%).

En cuanto al peso promedio en pie de acuerdo a las categorías faenadas, los novillos hicieron 520 kilogramos y las vacas 464 kilogramos, un aumento de dos kilos por categoría. Mientras que las vaquillonas mediaron 412 kilogramos, un incremento de once kilos.

Corrales de engorde crecen en la faena vacuna

Diciembre 22, 2017 El número de animales enviados aumentó 21% en último año

Animales de los corrales de engorde representan 11% de los de campo

La cantidad de animales enviados a faena desde corrales de engorde durante el ejercicio 2016/2017 "creció 21%", en relación al año anterior, "con un crecimiento extraordinario en la faena de hembras", reveló el Anuario 2017 de la Oficina de Programación y Política Agropecuaria (Opypa).

En el artículo Comportamiento del sector carne vacuna, de José Bervejillo, se afirma que "en el total, los animales de corral representan 11%-12% de los de campo. Pero en la categoría novillos de 1 a 2 años, por cada 100 novillos de campo que van a faena, de los corrales salen 139"

La relación aumentó en el último ejercicio, así como también creció la relación en la categoría vaquillonas.

Por otra parte, el artículo revela que "los ganados que van hacia los corrales durante el año provienen de 756 explotaciones distintas, ubicadas prácticamente en todas partes del país, aunque hay cierta concentración en el litoral y centro".

Sin embargo, "los corrales, especialmente los más grandes, están ubicados mayormente en Soriano", al mismo tiempo que "los cuatro corrales más grandes concentran el 26% de la faena de animales engordados en confinamiento", según el artículo.

Hay un crecimiento constante del stock de animales en corrales de engorde "desde que se tienen registros confiables", sostiene el artículo de Bervejillo.

Agrega que "el ciclo habitual de aumento y disminución de inventarios durante el año muestra que en los meses de otoño-invierno los corrales se cargan de animales, mientras que en primavera-verano bajan las existencias. Sin embargo, el último año fue diferente, ya que en octubre de 2016 aumentó el stock encerrado, que siguió creciendo hasta diciembre".

Los uruguayos consumieron más carnes en 2017

Diciembre 19, 2017 El incremento fue de 2,7 kilos y alcanzó a 101,8 kilos per cápita

El total de carnes consumidas en Uruguay en 2017 llega a 101,8 kilos por persona y por año, lo que significa un aumento de 2,7 kilos con relación al año pasado.

El consumo de carne bovina en Uruguay registrará este año un nuevo pico, estimado en 59,4 kilos per cápita, lo que representa un incremento de 1,6 kilos con relación a 2016. Es la cifra más alta de la serie que se inició en 2013 y resulta similar al consumo de ese año, informó este martes el Instituto Nacional de Carnes (INAC) al realizar un balance de 2017.

El crecimiento en la colocación de la carne bovina en el mercado interno se explica por el incremento de la demanda, especialmente en los meses de marzo, mayo y junio pasado. En el año 2016, los uruguayos habían consumido 57,8 kilos por persona y 58,6 kilos en 2014.

Por otra parte, la carne aviar aparece en segundo lugar con 20,5 kilos de consumo per cápita, lo que representa un aumento de 3%, o sea, 0,5 kilos por persona.

En tercer lugar se ubica la carne porcina, con 18,8 kilos per cápita, con un incremento de 0,8 kilos con relación a 2016. Se estima que este incremento estará sustentado en un avance de la importación de productos, que crecerá alrededor del 10%, considerando que la producción de carne porcina nacional disminuirá más de 10%.

La carne ovina registra un consumo per cápita de 3,1 kilos, lo que representa una baja de 0,2 kilos.

OPYPA prevé un aumento de 200 mil vacunos en el stock de 2018

21 de diciembre de 2017 Opypa considera que "la mayor presión de extracción puesta sobre el rodeo vacuno representa un desafío para el sistema de cría que debe proveer los terneros y terneras de remplazo para que no se produzca una caída aún mayor a la experimentada en el último año". La



advertencia refiere al aumento de la exportación en pie -que en este año incluyó hembras, al fuerte aumento de la faena de vaquillonas cuya entrada a corrales creció en más de 100% lo que genera un balance mucho más ajustado que en años anteriores en las entradas y salidas de hembras.

Pero al mismo tiempo, OPYPA proyecta un crecimiento de 200 mil vacunos en el stock y de 100 mil en los terneros a ser destetados en 2018, el stock pasa de 11,747 millones a 11,945 millones y los terneros de 2,7 a 2,823 millones.

Y aunque las vaquillonas destinadas a engorde sean más del doble que en el ejercicio anterior, las cifras no son demasiado abultadas, pasan de 29 mil a 59 mil.

En la proyección del stock OPYPA asume como supuestos que se mantenga la faena en 2,3 millones de vacunos y descienda levemente la exportación de ganado en pie.

INAC impulsa protocolos para diferenciar la carne

19/12/2017 Se apunta a China, Estados Unidos y la Unión Europea

A partir de protocolos especiales, certificaciones o alianzas estratégicas, Uruguay sigue apuntando a diferenciar su carne y valorizarla en todos los mercados, porque hace rato que entendió que el camino es la calidad y no el volumen.

El gerente de Calidad de la institución, Ricardo Robaina, adelantó que ya se está trabajando en la implementación de “un protocolo Never Ever para ovinos”, al igual que el que existe para vacunos, avalado por el Departamento de Agricultura de Estados Unidos y buscando diferenciar la carne en ese mercado. Este protocolo (Never Ever 3), garantiza que los animales que lo conforman y cuya carne va certificada, nunca recibieron antibióticos, ni promotores de crecimiento, además de que nunca fueron alimentados con productos de origen animal. En Uruguay, todo eso está prohibido por ley.

El Never Ever que se aplicará en la especie ovina garantizará y certificará esos mismos atributos. La certificación registrará para la carne del compartimento ovino, auditado y certificado por el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, focalizándose en Estados Unidos, donde los cortes ovinos uruguayos ya pueden entrar con hueso.

A nivel de carne bovina, Robaina informó en el marco de una conferencia de prensa de cierre de año, que desde el organismo también se trabaja “en el desarrollo de un alcance nuevo para el programa de carne natural en base a alimentación del ganado, mayoritariamente a pasto, no como antes que era solamente a pasto”.

El cambio de criterio se basa en que la ganadería uruguaya incorporó algún grado de suplementación con granos en alguna parte de la cadena y por eso, “ya no se consiguen animales alimentados exclusivamente a pasto. Se trabaja en un protocolo que maneja el concepto de mayoritariamente, que implica un 80% de la vida del animal alimentado a pasto y el 20% con suplementación”.

A su vez, el presidente de INAC, Federico Stanham, destacó que están adelantados algunos estudios de mercado.

“Se está por terminar un primer estudio de hábitos de consumo, de comportamiento o preferencia de los consumidores en China”, destino que está representando el 50% de la exportación de carne bovina. “El trabajo permitirá un mejor posicionamiento de las carnes uruguayas en ese mercado”, afirmó Stanham.

En China también se hicieron algunas acciones puntuales a nivel de consumidor final, con alianzas. “Hay tres ejemplos: uno en la zona sur de China, con una población muy importante, donde hay un distribuidor que es cliente de la mayor parte de los exportadores de Uruguay. Es un proyecto de desarrollo de food service”. Se busca “desarrollar la atención de los miles de puntos de venta que significan los restaurantes. Tuvimos un primer año exitoso. Se analiza cómo seguir adelante en 2018”.

Dijo que hay en agenda hacer algo similar para Estados Unidos y Unión Europea, básicamente en países como Alemania, portal de entrada para la carne uruguaya a la UE. “En la zona norte de Italia se hizo algo parecido con una cadena de parrillas a la vera de las carreteras, pero también buscamos posicionar a la carne uruguaya frente a los consumidores que transitan por las rutas”, explicó el titular de INAC.

En Japón se reúne comité de expertos por auditoría cárnica en Uruguay

20/12/2017 - Gobierno uruguayo es optimista en lograr reapertura del mercado para carne vacuna el año próximo.

Mañana viernes se cumplirá en Japón la reunión del grupo de expertos que realizó la última auditoría en Uruguay, para verificar la información aportada por el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, destinada al armado del análisis de riesgo.

Así lo confirmó a El País el director del Departamento de Asuntos Internacionales del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, Rodolfo Camarosano, destacando que si el informe es favorable, “se pasará al siguiente paso”. Una de las metas para 2018 es tener habilitado ese mercado para la carne bovina desosada y madurada”.

Japón dejó de comprar en 2.000, cuando la ganadería uruguaya fue sacudida por la primera epidemia de fiebre aftosa, que en ese entonces sólo afectó al departamento de Artigas. Hasta ese entonces, Uruguay



era libre de la enfermedad y podía exportarles. Será el sector privado el que tendrá que sondear nuevamente el mercado para satisfacer la demanda de los importadores japoneses. Cuando este mercado se reabra, surgirá una nueva oportunidad para colocar carne procedente de ganados terminados a corral, con un grado de grasa intramuscular más alto.

La primera misión de Japón en el marco del trabajo emprendido por Uruguay para reconquistar el mercado fue en febrero de 2015 y desde ahí se viene sumando información para conformar el análisis de riesgo previo a la habilitación definitiva.

En la reciente misión de octubre, los técnicos nipones revisaron los sistemas de producción de la ganadería uruguaya, la tecnología y el manejo de la carne que hace la industria frigorífica. También se incluyó la revisión de documentación del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, vinculada con fiebre aftosa.

Todos los años Uruguay demuestra científicamente que está libre de fiebre aftosa y realiza controles exigentes —muestreos sanguíneos— que miden el nivel de inmunidad en el ganado y que, en el caso de aftosa, aseguran que no existe oferta viral a nivel de campo que represente un riesgo para la sanidad.

Los técnicos japoneses visitaron un establecimiento ganadero en San José para conocer el sistema de producción, fueron a la oficina departamental del MGAP en Florida para revisar documentación y en Durazno se interiorizaron en el procesamiento del ganado durante su visita al frigorífico BPU Meat, empresa de capitales nipones propiedad del grupo NH Foods. Es el único frigorífico en manos de capitales nipones y pertenece a una empresa líder en la producción y exportación de proteínas de origen animal.

También revisaron la sede de la Dirección de Laboratorio Veterinario “Miguel C. Rubino”, el laboratorio del MGAP que es referencia, consustanciándose sobre los controles que lleva adelante Uruguay para mantener alejada la fiebre aftosa.

ACUERDO UE – MERCOSUR

MERCOSUR: se reúnen jefes de estado en Brasilia

Fonte: Agência Brasil, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 19/12/17 - A capital brasileira sedia esta semana mais uma edição da Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul, As reuniões preparatórias já tiveram início e o encontro oficial será realizado na quinta-feira (21). A reunião será a última da presidência pro Tempore do Brasil no bloco no segundo semestre de 2017. Pelo rodízio, o comando em 2018 será assumido pelo Paraguai.

A cúpula discutirá as relações comerciais entre os países e destes com outros blocos. Um dos assuntos que vem recebendo atenção é a decisão do Uruguai de sobretaxar produtos estrangeiros. Segundo o embaixador brasileiro Paulo Estivallet de Mesquita, subsecretário-geral de América Latina e Caribe, o Brasil está em conversa com o governo uruguaio “para ver como corrigir essa situação, de modo a evitar que se consolide uma situação de incumprimento por parte do país”.

Outro tema que deve ser alvo de intensos debates é a negociação do acordo bilateral entre o Mercosul e a União Europeia, cujas discussões tiveram início há 14 anos e agora aproximam-se do seu final.

As exportações de carne bovina e de etanol provocaram resistências na União Europeia. No segundo semestre deste ano novas tentativas foram feitas. Em coletiva realizada hoje (19/12) na sede do Ministério das Relações Exteriores, o embaixador Ronaldo Costa Filho afirmou que os negociadores estão “quase lá”.

Requisito precautorio para un acuerdo de comercio con el Mercosur Europeos contra intensificación ganadera en la Amazonia

Diciembre 17, 2017 Siguen las diferencias conceptuales en negociaciones del Mercosur con la Unión Europea.

Desde Europa insisten en establecer un requisito precautorio del desarrollo sustentable en la negociación de acuerdo con el Mercosur. Esa clausula refiere a que la intensificación ganadera produce mayor deforestación en la Amazonia en Brasil principalmente, lo que desde esta región ha generado una oposición a ese concepto, destacó a El Observador el presidente de la Asociación Rural del Uruguay, Pablo Zerbino.

El dirigente representó a Uruguay junto al embajador Guillermo Valles en la reunión del Grupo de Cairns (países exportadores que defienden el libre comercio desde 1996) que se cumplió previo a la reunión de la Organización Mundial de Comercio (OMC), en Buenos Aires.

El titular de ARU remarcó las negociaciones para alcanzar el acuerdo de la Unión Europea (UE)-Mercosur que finalmente no se logró en la capital argentina, luego de diferencias no superadas y de marchas y contra marchas.

Según los últimos datos recibidos por el dirigente, recién en febrero se estaría cerrando esta negociación entre los dos bloques comerciales.



En el marco de estas reuniones se valoró la gran movida que hizo el Mercosur en procura de ese objetivo, señala un informe que recibió Zerbino el pasado miércoles desde la representación brasileña.

Lo que ocurre es que la UE no hizo su contra oferta inmediatamente y optaron por dar un poco más de tiempo para finalizar los últimos ajustes. Se entiende que también facilita las consultas ineludibles a los actores privados en esta instancia final.

Lo que si preocupa es que la UE sigue insistiendo en establecer el principio precautorio en el capítulo de desarrollo sustentable y desde el Mercosur se entiende que se debe presionar para que eso no ocurra.

El principio precautorio es un argumento que están usando en Europa y particularmente en Francia por el cual se sostiene que la deforestación que está sufriendo el Amazonia, se debe en gran medida a la intensificación agropecuaria que se está concretando en Brasil y que está afectando a toda la región y al mundo, por lo que significa esa zona como pulmón del mundo, dijo Zerbino.

Desde Europa se considera que si se profundiza la intensificación ganadera para proveer de mayor cantidad de carne de la región a los consumidores europeos, se produciría una mayor deforestación, explicó el dirigente.

Maggi defendió la integración de los sistemas sanitarios del MERCOSUR

Fonte: Mapa, adaptada pela Equipe BeefPoint. 22/12/17 - por Equipe BeefPoint

O ministro Blairo Maggi (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) defendeu, durante reunião da 51ª Cúpula do Mercosul e Estados Associados, nesta quinta-feira (21), a integração dos sistemas de avaliação de riscos sanitários, fitossanitários e ambientais entre os países do Mercosul. Para ele, esse é um ponto que deve ser colocado prioritariamente na agenda do bloco comercial.

“Com sistema regional de avaliação de risco, vamos avançar na harmonização de medidas sanitárias e fitossanitárias, otimizar custos e capacidades técnicas, facilitar o comércio regional, ter posições mais harmônicas em fóruns internacionais e condições melhores para negociar acordos de livre comércio”, afirmou o ministro em seu discurso.

O ministro falou também sobre negociações entre o Mercosul e a União Europeia e se mostrou otimista quanto ao fechamento de acordo entre os dois blocos econômicos. Ele acredita que a partir daí, o Mercosul poderá atingir a meta de incrementar o acesso a mercados e impulsionar a diversificação das suas exportações.

Maggi destacou negociações realizadas com a Coreia do Sul, responsável por aproximadamente de US\$ 30 bilhões (2016) em importações de produtos agropecuários no mundo. O país é importante mercado para o agronegócio, com destaque para carnes, frutas e grãos.

Em relação aos acordos comerciais, o presidente Michel Temer afirmou que houve avanços na superação de entraves ao comércio e que as reduções de barreiras comerciais já estão sendo verificadas no comércio entre os países fora do Mercosul.

Para o presidente, a integração é uma obra em permanente construção. Por isso, ele acredita que os países devem estar sempre atentos a novos desafios.

A 51ª edição da Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados foi realizada nesta quinta-feira (21) e foi precedida pela Reunião do Conselho do Mercado Comum (CMC), órgão decisório de nível ministerial. A reunião encerra a Presidência Pro Tempore Brasileira (PPTB) do Mercosul, exercida durante o segundo semestre de 2017.

Participaram da reunião, os presidentes: Mauricio Macri (Argentina), Horacio Cartes (Paraguai) e Tabaré Vázquez (Uruguai) – países integrantes do Mercosul – Evo Morales (Bolívia) e David Granger (Guiana). Também estiveram presentes representantes de Chile, Colômbia, Equador, Peru e Suriname – estes na condição de associados.

PARAGUAY

Exportación de carne ingresos por US\$ 1.312 millones

19 de diciembre de 2017 El informe sobre la exportación de carne de enero a noviembre de este año revela un incremento del 15% en cuanto al peso (477.271 toneladas) y de 16,68% en las divisas generadas para el país (más de US\$ 1.312 millones) en comparación con cifras del mismo periodo del 2016, según informes del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa). Chile, Rusia, Brasil, Vietnam e Israel aparecen como los principales mercados.

En el día de ayer, el Senacsa divulgó su informe preliminar de exportación de carnes, menudencias, productos y subproductos de origen animal correspondiente al periodo de enero a noviembre de este año. Menciona que en total se exportaron 477.271 toneladas, lo que produjo un ingreso de U\$S 1.312.092.020 al país.



En el mismo periodo del 2016 se exportaron 414.937 toneladas, con un ingreso de U\$S 1.124.555.626. Las diferencias porcentuales son 15,02% en peso y 16,68% en divisas, en este caso favorables al año 2017.

Estas cifras se refieren a la exportación de carne y menudencia bovina; carne, menudencia y despojo porcino; carne, menudencia y despojo aviar, así como subproductos para consumo y subproductos no aptos para el consumo humano.

Los diez primeros países que más compran carne bovina paraguaya, según datos del Senacsa, son: Chile, 40% del total; Rusia, 19%; Brasil, 10%; Vietnam, 5%; Israel, 4%; Irán, 4%; Taiwán, 3%; Egipto, 3%; Kuwait, 2%, y Hong Kong, 2%.

El principal mercado de la carne porcina sigue siendo Rusia, que es el destino del 95% de la exportación de este rubro, seguido de Vietnam, 3%, y Angola, 2%. La exportación de este rubro generó un ingreso de U\$S 6.214.310 en los primeros 11 meses del presente año.

La carne aviar de nuestro país también tuvo como principal destino a Rusia, 38,6%, seguido de Vietnam, 19,5%, y Angola, 16,5%. Se exportó por U\$S 4.046.628.

“Año histórico”

El presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC), Juan Carlos Pettengill, en su balance del año 2017 afirmó hace unos días que este es un “año histórico” para la exportación cárnica y resaltó las perspectivas que se tiene en relación a la apertura de nuevos mercados para este producto. “Un año que fue casi histórico para la carne paraguaya, con más de 73 mercados habilitados, una faena que esperamos supere las 2.100.000 cabezas, y una exportación similar en volumen a la del año pasado, pero casi 10% a 12% más en ingresos de divisas. Los informes finales de todo el año los tendremos recién en la primera quincena de enero (2018)”, había manifestado.

Industria cárnica celebra 2017 como año histórico

16 de diciembre de 2017 | quieren concretar mercados de EE.UU. y Hong Kong

El 2017 para la industria cárnica fue “casi histórico”, pues aumentó entre 10% y 12% el ingreso de divisas por la exportación de la carne, dijo el titular de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill. Esperan concretar en 2018 los mercados de Hong Kong y EE.UU.

El presidente del citado gremio hizo un balance de lo que deja el 2017 para la industria de la carne. “Un año que fue casi histórico para la carne paraguaya, con más de 73 mercados habilitados, una faena que esperamos supere las 2.100.000 cabezas, y una exportación similar en volumen a la del año pasado, pero casi 10% a 12% más en ingresos de divisas. Los informes finales tendremos recién en la primera quincena de enero (2018)”, expresó.

De acuerdo al informe del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), de enero a octubre de este año, la exportación de productos y subproductos de origen animal (bovino, porcino y aviar), significó para el país ingresos por US\$ 1.167.173.846, un 11,61% más que en el mismo periodo del año pasado.

Pettengill comentó también que la capacidad de faena de la industria cárnica de nuestro país es de 2.700.000 cabezas al año y que de llegar este año a faenar 2.100.000 cabezas, significará el 70% de la capacidad de las plantas frigoríficas.

En cuanto a los planes para el 2018, confirmó que la Cámara Paraguaya de Carnes estará participando en cuatro ferias importantes: en Moscú, Dubái, Taiwán y París. Señaló que la participación en las cuatro muestras internacionales demandará para el gremio una erogación en alrededor de un millón de dólares.

“Así que estamos muy contentos. Aparte, estamos ante la inminente apertura del mercado de Hong Kong y de Estados Unidos, que creemos que con la calidad de la carne paraguaya y con el estatus sanitario y la dedicación sanitaria del Senacsa vamos a lograrlos”, apuntó.

Destacó igualmente el gran avance de los productores e industrias de aves y porcinos que tuvieron conquistas en el mercado interno y se proyectaron con fuerza en los mercados internacionales, participando activamente de ferias extranjeras.

Se refirió también a la disminución del hato ganadero. “Nosotros creemos que tanto la industria (frigoríficos) como la producción (ganaderos) podemos revertir eso en los años venideros. Estamos dispuestos a trabajar en conjunto con la producción como con el Estado para lograr esa meta”, dijo.

Paraguay cerró buenas ventas a Rusia aprovechando suspensión de Brasil

15/12/2017 Proximidad de las fiestas hace que sea “poco probable” la concreción de nuevos negocios.

La producción paraguaya de carne vacuna se comprometió en su totalidad con negocios cerrados con Rusia hasta fines de enero, aprovechando la suspensión rusa a Brasil por problemas sanitarios, según publicó Faxcarne.

La fuente que informó a la consultora maneja referencias de ventas para un chuck & blade en un rango de US\$ 3.800-3.900, robado US\$ 3.400 y trimming 80 VL a US\$ 3.100 CIF.

En cuanto al mercado, Faxcarne explicó que la proximidad de las fiestas hace que sea “poco probable” que pueden cerrarse nuevos negocios por volumen con este destino. Y cuando “parecía que los valores



se podían despegar” por la suspensión de Brasil, los importadores rusos “parecen haber puesto un freno a la escalada”.

Un trader dijo a Faxcarne que “ahora ya estamos algunos bids con valores US\$ 100 menores”.

La semana pasada hubo negocios desde Uruguay por corazones a US\$ 1.900 e hígado a US\$ 2.000 CFR, pero esta semana no se estaban logrando esos valores porque “están sobrecomprados para la época del año”

Envío de carne a Chile, por US\$ 450 millones

17 de diciembre de 2017 El año 2017 fue de gran avance en las relaciones comerciales bilaterales entre Chile y Paraguay, creció cerca del 40% considerando los datos de enero a octubre, según estimó Carlos Brunel Vergara, representante de ProChile en Paraguay.

Respecto al rubro estrella de Paraguay, la carne bovina, dijo que durante el 2017 se espera que cierre entre US\$ 450 millones y US\$ 500 millones de divisas generadas, contra US\$ 350 millones del 2016.

Explicó que el crecimiento se debe a que ambos países agendaron acciones para avanzar en las relaciones comerciales y en nuevas inversiones, con mayor integración productiva. Mencionó que en ese sentido se esperan mayores logros con el corredor bioceánico, para que Paraguay conecte con Asia, China, Japón, etc., a través de Antofagasta e Iquique, con la ruta desde Puerto Murtinho.

Añadió que la integración física también se está dando con la mayor frecuencia de vuelos de Latam y Amazonas desde nuestro país.

Aumento de precio de cortes de carne es coyuntural, dice industrial cárnico

18 de diciembre de 2017 Para el presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill, la suba de precio de algunos cortes de carne vacuna al consumidor es circunstancial y coyuntural, principalmente por la alta demanda por las fiestas de fin de año.

“La verdad que vemos que uno o dos cortes son los que tuvieron aumento de precio, la costilla y el vacío”, respondió Pettengill a una consulta de este diario.

Señaló que si se toma el abanico de productos que la industria cárnica ofrece al mercado, “hubo cortes que mantuvieron sus precios, inclusive disminuyeron. El caso del puchero disminuyó el precio porque en el calor disminuye la demanda de este corte; la rabadilla vemos se mantuvo, la carnaza negra y la blanca tuvieron un leve aumento”, dijo.

Respecto al aumento de precio de cortes de costilla y vacío, acotó que hay varios factores. Mencionó las últimas lluvias que se dieron en el Chaco, que influyeron en la merma de faenas, y la otra es la alta demanda por estos cortes por las fiestas de fin de año, lo que a su criterio genera un “leve aumento”. “Pero es circunstancial, es coyuntural y eso se va ajustar para el pueblo, para la población en menos de 10 a 15 días”, puntualizó.

ARP insiste en crear ente que regule precio justo del ganado

22 de diciembre de 2017 | Certificación para envío a EE.UU. es el gran logro del 2017, dice villasanti

El sector productivo no abandonará jamás la lucha por lograr precios justos por el ganado, buscando el justo equilibrio entre la producción y la industria, para lo cual se necesita un “Instituto de la Carne”, insistió el titular de la ARP, Luis Villasanti, en su mensaje de fin de año.

“Necesitamos establecer un Instituto de la Carne, con el cual se pueda certificar la calidad de nuestra producción, mediante la clasificación y tipificación del mismo”, dijo entre varias cosas, el titular de la Asociación Rural del Paraguay, ARP, Luis Villasanti, en su mensaje por fin de año.

Agregó que el gremio de ganaderos está convencido que de esa manera se podrá dar el paso más importante para exportar carne a los países con mercados más exigentes, generando así mayores ingresos de divisas, más mano de obra y consolidar el prestigio de la ganadería nacional.

También dijo que mediante la coordinación público- privada, que involucra a Senacsa, ARP, Cancillería, MIC, el sector ganadero logró este año la apertura o ampliación de importantes mercados para la exportación de la carne paraguaya, como ser China-Taiwán, Irak e Irán, entre otros.

“Sin dudas, entre los principales logros a favor de la producción nacional este año ha sido la obtención del certificado sanitario para exportar carne a Estados Unidos, logro este de todos los ganaderos del país, que representará un gran impulso al sector cárnico nacional”, indicó.

También celebró los resultados altamente positivos en la comercialización de la cadena de la carne, tanto a nivel nacional como internacional, por los niveles récords alcanzados, según enfatizó.

“La ARP pide que el Estado asuma sus responsabilidades, garantizando la vida de los ciudadanos, la propiedad privada, no permitiendo que se haga apología del delito”, expresa en otra parte del manifiesto firmado por Villasanti.



Advierte que si así no lo hiciere, se estará creando las condiciones para convertir la zona Norte en un polvorín, donde lamentaremos más secuestros y muertes si no se hace cumplir la ley. “Abogamos por la pronta liberación de los secuestrados”, clamó.

Igualmente, aseguró que la ARP seguirá luchando por una ganadería más técnica y productiva, enfocada en la capacitación de los pequeños productores como forma de combatir la pobreza e impulsar la sustentabilidad, que generará la salida de los mismos de la extrema pobreza.

ESTADOS UNIDOS

Estiman un aumento en el número de bovinos en feed lots al 1º de diciembre

21 December 2017 US - USDA's National Agricultural Statistics Service (NASS) will release their monthly "Cattle on Feed" report this Friday at noon Eastern Time (earlier in the day than normal), reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Dr David Anderson, Professor and Extension Economist at Texas A&M University, provided pre-report comments earlier this week (see here). He gave some excellent insights on why placements of animals into Southern Plains feedlots during November were likely above a year ago.

In evaluating Friday's NASS report, especially if the head placed is above the high end of the pre-report range, analysts will turn immediately to the placement weight breakdown table in that publication.

The accompanying table shows the average of the pre-report estimates and the range, as compiled by Urner Barry. Animals placed into feedlots and marketed during November are likely to be above 2016's. As of 1 December, the on-feed inventory is expected to be 6 per cent to 7 per cent above a year ago.

In the financial markets, there are pre-report expectations, but as the actual report approaches, often the talking heads on TV turn to what is called the "whisper numbers". Those numbers are what traders and analysts are discussing after the pre-report estimates came out up to the release-time regarding adjustments or what the surprise might be. The whisper numbers are bigger than the average of the pre-report expectations for both placements and the 1 December inventory.

The adjustments are based on the potential for the year-over-year percentage increase in head placed to be double-digits (i.e., up 10 per cent or more). States supporting that growth would be mostly in the Southern Plains (e.g., Texas).

Besides the Southern Plains factors pointed out by Dr Anderson, nationally there may have been proportionally more heifers placed on-feed during November, even compared to the rather large levels of prior months. There were some indications of that occurring in the weekly breakdown of calf and yearling sales reported by USDA's Agricultural Marketing Service.

If November placements are up 10 per cent year-over-year, that could put the 1 December on-feed count at 7.5 per cent above 2016's (up about 800,000 head). If realized, the 1 December number of animals in commercial feedlots would be the largest for that date since 2011.

Monthly feedlot marketings are often overlooked because they are usually in line with pre-report estimates (note that most analysts use relationships based on USDA published steer and heifer slaughter data to estimate marketing's).

Last year, November was when head marketed ramped-up year-over-year and compared to that of recent years (see prior 5-year average in the following graphic). Typically, November marketing's are below October's, however 2017 looks to buck that trend, again

Reducción en el Peso de faena afectó a la producción de carnes bovinas

December 22, 2017 Bigger is not always better, as the old saying goes, and the U.S. cattle industry is taking stock of the role today's larger animal carcasses can affect beef supply and demand factors.

Cattle carcass weight data for the week ending Nov. 18 showed steer carcass weights at 902 pounds for the third consecutive week, leading analysts to project it is likely the seasonal peak in carcass weights, up 70 pounds from the seasonal low of 832 pounds in early May.

Derrell Peel, Oklahoma State University Cooperative Extension livestock marketing specialist, said the seasonal increase is typical but a bit stronger than the average seasonal increase of 55 pounds from the April-May low to the October-November peak over the last five years.

“The current steer carcass weight is 16 pounds less than the same week last year,” he said. “Steer carcass weights have been lower 44 of 46 weeks this year and the average decrease for the year to date is 14 pounds below last year.”

Heifer carcass weights are currently 13 pounds below last year and have been lower every week of the year resulting in an average of 12 pounds lighter year-over-year to date for 2017.

“The decrease in carcass weights partially offsets increased cattle slaughter and moderates the increase in beef production in 2017,” Peel said.



Steer slaughter is up 2.1 percent for the year to date; an increase of 310,000 head year over year. Lower steer carcass weights is the equivalent of 234,818 fewer head at last year's carcass weights, meaning the reduction in carcass weights is equivalent to increasing steer slaughter by 81,154 head or 0.6 percent this year.

Decreased heifer carcass weight is equivalent to reduction of 110,067 head in heifer slaughter, reducing the increase in heifer slaughter from the actual 12.2 percent year-over-year increase to an equivalent level of 10.5 year-over-year increase. As a result, year-to-date beef production is up 4.1 percent compared to the 5.3 percent increase in steer and heifer slaughter. "The drop in carcass weights in 2017 primarily has a short run effect on beef supplies," Peel said. "Longer run, carcass weights also have implications for beef demand."

Steer and heifer carcass weights have increased an average of 5 pounds per year for the last 50 years. Peel said current production systems, technology and genetics would suggest there is no end in sight to just how big cattle can get from a production standpoint.

"There is no reason to believe the drop in carcass weights in 2017 is a change in the long-term trend of bigger carcasses, though it could represent moderation or a peak in carcass size," Peel said.

It is important to remember carcass size is more than just a question of pounds. Larger carcasses mean more pounds of meat per animal but it also means bigger product size for muscle cuts such as steaks.

"The industry has been hearing from consumers for at least two decades that bigger and bigger steaks are not what people desire," Peel said. "Grocery stores and restaurants both market beef not just on a price per pound basis but on a cost per package or cost per plate as well."

In short, steaks are increasingly viewed as too big for a meal and too expensive to purchase. Sometimes steaks are simply cut thinner to offset the increasing surface area and thereby reduce package or plate weight and cost.

According to OSU Division of Agricultural Sciences and Natural Resources research published in volume 74 of the peer-reviewed Food Policy journal, consumers prefer thicker steaks and cutting steaks thinner ultimately will have a negative impact on steak demand. The research was conducted by OSU agricultural economists Peel; Jayson Lusk, now at Purdue University; and Josh Maples, now at Mississippi State University.

"Of course, bigger carcasses also increase other products such as trim for ground beef," Peel said. "More research is needed to determine the balance of products that optimizes carcass value relative to carcass size. However, the tradeoff between lower steak demand and increased ground beef production suggests the industry should pay attention to the demand limits of carcass size."

Tendencias del consumo: aumenta el nivel per capita aunque menos que la oferta total

December 21, 2017 U.S. domestic beef consumption is projected to be 56.6 pounds per capita for 2017, up from 55.4 pounds in 2016 (retail weight). That is a 2.2 percent year over year increase. Beef consumption is higher because beef production is increasing; in fact, it is projected to be up 3.8 percent year over year from 2016.

Domestic consumption is up less, in percentage terms, than beef production for a couple of reasons. First, growth in beef exports in 2017, projected to be up 12-13 percent over 2016, moves some of the additional production off-shore. That, along with minor adjustments in ending stocks, will result in a total domestic supply (disappearance) that is up roughly 2.8 percent year over year. Finally, though U.S. population grows slowly, it does still grow, so per capita consumption will increase even more slowly when the total domestic supply is spread across a larger U.S. population.

Per capita beef consumption bottomed recently in 2015 at 54.0 pounds, so the 2017 level represents a 2.6 pounds per capita increase in beef consumption the past two years. Beef production and consumption are projected to increase again in 2018, with a forecast increase in beef production of 4.5 percent resulting in per capita consumption of 57.8 pounds, a 2.1 percent additional increase in per capita beef consumption.

Increased beef consumption does not, by itself, indicate anything about beef demand. We are consuming more beef because we are producing more beef. The question of beef demand hinges on the question of "at what price will consumers eat this additional beef?" In general, we expect that increasing supplies will result in lower prices but how much lower is the key.

Demand has been a pleasant surprise in 2017. Retail beef prices are currently higher than last year despite the increase in beef supplies in 2017. Beef demand is all the more impressive given that total meat supplies are higher year over year, not only the result of more beef, but also increased pork and poultry production. November retail Choice beef prices were \$5.81/lb., up from 5.76/lb. in October and above that same level of \$5.76/lb. one year ago. The all-fresh retail beef price was \$5.64/lb. in November, up from \$5.62/lb. in October and above the November, 2016 price of \$5.59/lb. The ratio of retail beef prices relative to pork and poultry remains very strong, holding near to record levels achieved during the record high prices in 2015. The calculated beef demand index, which accounts for pork and poultry impacts as well as increased beef production, showed a slight increase for the third quarter of 2017.



Retail beef prices are expected to decrease in 2018 given additional beef supplies. This will put additional pressure on wholesale beef prices as well as fed and feeder cattle prices. However, if demand continues strong, the retail price pressure may be rather modest with less negative impact on wholesale beef and cattle markets. Strong demand will depend on a continuation of generally strong macroeconomic conditions including decreased unemployment and income growth. Any change in overall macroeconomic conditions is a threat and factors to watch include rising interest rates and inflationary pressures. Shocks external to the beef industry, for example, a sudden jump in gasoline prices, could sharply impact consumer spending and beef demand.

Continued improvement in beef trade will also be a crucial factor to minimizing price pressure in 2018. Continued strong exports to current major beef destinations including Japan, South Korea, Mexico, Canada and Hong Kong will be essential. New export growth to China is likely to remain a small market in 2018 but holds significant potential over time.

EMPRESARIAS

JBS proyecta incremento del 22 por ciento en sus exportaciones de carnes bovinas en 2018

20/12/17 - por Equipe BeefPoint A empresa de alimentos JBS prevê alta de 22% em suas exportações de carne bovina in natura do Brasil em 2018, ajudada pelo crescimento de vendas em mercados como China, Egito e Chile, afirmou nesta terça-feira o presidente da unidade de carnes da companhia no país, Renato Costa.

"Para o Chile, (a exportação da JBS) deve crescer 40 a 50%", afirmou o executivo durante inauguração da renovação de unidade de produção de charque da companhia em Santana de Parnaíba (SP). Ele destacou, contudo, que o crescimento para a China também seguirá importante, com previsão de alta de 30%, para cerca de 170 mil toneladas por ano.

O prognóstico da JBS supera a expectativa da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) para os embarques do país, de alta de quase 10%, que contempla também processados e a retomada de exportações de carne bovina in natura para os Estados Unidos, entre outros fatores.

"Nós fechamos nosso orçamento e trabalhamos com o que temos", afirmou Costa ao justificar sua estimativa, que não prevê reaberturas ou novos mercados.

De olho nesse crescimento dos embarques e na expectativa de alguma melhora no mercado doméstico, apoiada na previsão de crescimento da economia e menor desemprego, a divisão de carnes da JBS no país também trabalha com um cenário de recuperação no ritmo de abates.

Segundo Costa, o volume de abate no próximo ano deve voltar para uma média de 30 mil cabeças por dia ante média de 25 mil esperada para 2017.

Tyson Foods incrementa su apuesta a la producción de carne en base a proteína vegetal

Diciembre 16, 2017 Por Blasina y Asociados, especial para El Observador.

Tyson Foods, el principal procesador de carne en Estados Unidos, reportó que aumentó levemente su participación accionaria en la firma Beyond Meat, una de las principales empresas productoras de carne en base a proteína vegetal. Hasta el momento la firma Tyson Foods tenía el 5% de las acciones.

El grupo reveló que participó en la última ronda de financiamiento de Beyond Meat a través de su fondo de capital de riesgo sin informar detalles sobre el monto o el nuevo porcentaje de participación.

"La demanda global por todas las proteínas sigue alta. Estamos comprometidos y expectantes de abastecer esa demanda en forma sustentable", dijo el vicepresidente de estrategia corporativa de Tyson Foods, Justin Whiltmore.

En la última ronda Beyond Meat se hizo con US\$ 55 millones, los que serán destinados a las áreas de investigación y desarrollo así como a la expansión de las ventas y distribución.

Las hamburguesas de Beyond Meat ya son vendidas a través de los principales canales de distribución, incluido Amazon.com.

Cadena Wendy's contra el uso de antibióticos

Reuters December 18, 2017 Hamburger chain Wendy's Co laid out plans on Friday to trim the use of antibiotics that are important to human medicine from its beef supply, the latest step by a food company to fight concerns about resistance to the drugs in people.

Starting in 2018, the company will buy about 15 percent of its beef from producers that have each pledged to reduce by 20 percent their use of Tylosin, the one medically important antibiotic they routinely feed to cattle, according to Wendy's.

Wendy's, which says it is the world's third-largest quick-service hamburger chain, plans to increase the amount of beef it purchases from these producers and others that raise cattle in similar ways.



The company also said it finished removing antibiotics important to human medicine from its chicken supply, after pledging to do so last year.

“Moving away from routine antibiotic use in their beef production is certainly welcome, and we’d urge them to move quicker,” said Matt Wellington, antibiotics program director for advocacy group U.S. PIRG.

Scientists and public health experts for years have warned that the regular use of antibiotics to promote growth and prevent illness in healthy farm animals contributes to the development and spread of drug-resistant superbugs that can infect people.

Last month, the World Health Organization recommended that meat producers end such practices.

There is “a growing public health concern about antibiotic resistance,” Wendy’s said, adding that the company believes it “could help by reducing or eliminating antibiotic use in our food supply.”

In the United States, the sale and distribution of antibiotics approved for use in food-producing animals fell by 10 percent from 2015 to 2016, in the first such decline since the Food and Drug Administration started tracking the data in 2009.

The drop came as restaurants such as McDonald’s Corp and meat suppliers including Tyson Foods Inc backed away from using antibiotics in U.S. chicken supplies.

Removing antibiotics from cattle is more difficult, experts said, because the animals live longer than chickens and have more chances to fall ill.

In August, Consumers Union, the policy division of Consumer Reports, said McDonald’s told the group that the company hoped to have a timeline soon for reducing medically important antibiotics from its beef supply.

McDonald’s, the world’s largest restaurant chain by revenue, says on its website it prefers beef raised with a “responsible use of antibiotics.”

Wendy’s plan is more concrete, Wellington said.

“It’s starting to set the example of what the industry should be following,” he said.

Masterboi y Grupo Adir lanzaron programa de calidad de carne bovina Nelore

19/12/17 - por Equipe BeefPoint O frigorífico Masterboi decidiu adotar um novo parâmetro de qualidade para os abates dos bovinos em suas plantas. Em uma primeira etapa do processo, desenvolverá um Programa de Qualidade de Carne Bovina Nelore. O objetivo é ajudar os fornecedores a melhorar a qualidade do rebanho regional diminuindo a idade de abate para uma faixa entre 18 e 20 meses, com ganho de peso e aumento do rendimento das carcaças. Algo nunca antes realizado no Brasil.

O trabalho será realizado em conjunto com o Grupo Adir, que possui propriedades em Nova Crixás (GO) e Ribeirão Preto (SP), e há 57 anos se dedica ao melhoramento genético da raça Nelore a pasto.

Neste início de projeto, os abates ocorrerão normalmente e serão remunerados conforme o preço de mercado. A segunda fase envolverá o fornecimento somente de animais fechados na genética ADIR. A partir dessa fase os produtores receberão bônus financeiro pela qualidade da carcaça.

“O Brasil é hoje, um grande produtor de carcaças mas precisa alcançar a excelência na produção de carnes. Há um público que exige produtos de qualidade superior e acreditamos que a parceria com o Grupo Adir nos ajudará a atender essa demanda”, afirma Amaro Rodero, diretor do grupo Masterboi.

Rodero aposta nos pecuaristas e afirma que o Grupo Adir demonstrou que com abates técnicos e seleção genética é possível produzir a carne que os consumidores desejam. “É possível desenvolver um bom animal e ser remunerado pela excelência produzida”, complementa.

O Frigorífico Masterboi abate 500 mil cabeças por ano e para que todos os animais estejam enquadrados no futuro programa, dois milhões de vacas serão inseminadas com genética ADIR.

“Sem dúvida, esse será o maior programa de melhoramento genético visto no Brasil, e consequentemente com a valorização financeira dos animais ocorrendo no gancho”, acredita Paulo Leonel, diretor do Grupo Adir. “O mais interessante dessa proposta é que ela estreita a relação entre indústria e pecuaristas, porque realmente valoriza a qualidade do produto diferenciado. Bem diferente do que vemos por aí, onde, na verdade, os pecuaristas são penalizados quando não fornecem dentro dos parâmetros dos programas”, observa Leonel.

Marfrig busca participación de pequeños ahorristas

20/12/2017 Deja US\$ 5 millones para ellos en emisión de US\$ 60 millones.

El grupo Marfrig Uruguay, a través de su subsidiaria Cledinor S.A. (exfrigorífico La Caballada de Salto) presentó la última emisión de deuda del año, que se desarrollará entre miércoles 27 y jueves 28 por un total de US\$ 60 millones.

Así, la emisión tendrá un tramo mayorista competitivo por US\$ 55 millones el 27, con licitación por precio.

El precio de corte preliminar será aplicado el 28 de diciembre, cuando se suscriba el tramo minorista no competitivo, por hasta US\$ 5 millones.

En ambos casos el valor mínimo de suscripción será de US\$ 1.000.



Las Obligaciones Negociables (ON) tendrán un plazo de 10 años y pagarán un interés anual de 6% (se abonará trimestralmente). Tendrá un período de gracia de un año (a partir de la emisión) durante el cual solo se pagarán intereses.

Como garantía del repago de las ON se creó el Fideicomiso de Garantía Obligaciones Negociables Cledinor I, al que el emisor y los garantes locales (los frigoríficos Tacuarembó, Inaler y Colonia) cederán los créditos de todas las ventas realizadas en el mercado local. El agente fiduciario de esta emisión será TFM Group.

La emisión fue calificada BBB+ (Uy) por la agencia FixScr Uruguay, afiliada a Fitch Ratings.

“Para la empresa es importante la vuelta al mercado de valores. Esta emisión tiene como objetivo la optimización de la estructura financiera de la compañía a nivel global, el alargamiento del perfil de vencimientos del endeudamiento financiero del Grupo en Uruguay, y el financiamiento de las inversiones en el país”, señaló Marcelo Secco, Chief Operating Officer de Marfrig para el Cono Sur.

Marfrig Uruguay tiene una facturación de aproximadamente US\$ 550 millones —de acuerdo al ejercicio fiscal cerrado a setiembre de 2017—. Cuenta con cuatro plantas frigoríficas, una arrendada de productos enlatados y un feedlot.

Se destrabó el conflicto en el Frigorífico Solís

Diciembre 20, 2017 Acordaron levantar anuncios de despidos y medidas sindicales

El Frigorífico Solís, el sindicato de trabajadores de esta empresa y la Federación de Obreros de la Industria de la Carne y Afines (Foica) acordaron esta tarde el levantamiento del conflicto que se venía desarrollando desde hace desde los primeros días de noviembre pasado.

En la instancia cumplida en el Ministerio de Trabajo y Seguridad Social (MTSS) acordaron que la empresa dejara sin efecto el anuncio de despidos de trabajadores que al día de este miércoles se encuentren en el seguro de desempleo.

Por su parte el gremio levanta todas las medidas sindicales y el conflicto en forma inmediata y ambas partes se comprometen a respetar las cláusulas de prevención de conflictos y de paz establecidas en el Consejo de Salarios vigente.

También se acuerda el otorgamiento y goce las licencias generadas en el 2016 antes del 31 de diciembre de este año.

También trabajadores y empresa solicitaron en forma conjunta al MTSS se les conceda una prórroga de seguro de desempleo a los trabajadores que agiten la cobertura del mismo por un plazo de 120 días, comprometiéndose el MTSS a su otorgamiento.

Entre otros puntos también se acordó reintegrar el 2 de enero a cuatro delegados sindicales que se encuentran actualmente en el seguro de desempleo, los que serán sustituidos por otros cuatro trabajadores de idéntica tarea.

Moody's modificó calificación de la empresa Marfrig

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint. 22/12/17 - A agência de classificação de riscos Moody's mudou a perspectiva do rating atribuído à Marfrig de positiva para estável. Segundo a agência, a mudança reflete a percepção de que a desalavancagem — redução da relação entre dívida líquida e Ebitda — deve levar mais tempo que o inicialmente avaliado.

A nota global da processadora de alimentos “B2” foi mantida. A Moody's avalia que, durante 2017, a queda da geração de caixa resultante dos menores volumes vendidos no primeiro semestre do ano, incluindo o impacto negativo gerado pela Operação Carne Fraca, e a taxa de câmbio menos favorável à companhia impediram o bom andamento do processo de desalavancagem.

A estimativa da Moody's é que a relação entre a dívida e o Ebitda permaneça acima de 6 vezes nos próximos 12 meses. A perspectiva da empresa havia sido mudada para positivo em janeiro deste ano, quando a agência esperava uma redução da dívida e uma alavancagem de 5 vezes até o fim de 2017.